

Esta coletânea compõe-se de ensaios sobre a obra do pensador Fábio Herrmann, conhecida como Teoria dos Campos, e é o resultado de anos de estudo, reflexões e debate sobre os destinos teóricos e práticos da psicanálise neste fim de milênio, sobre a melhor forma de compreender o novo homem *fin-de-siècle* e de como melhor abordá-lo, em termos terapêuticos.

Os diversos artigos elegem certas partes ou o conjunto da obra de Herrmann; alguns mais fiéis à letra, outros mais fiéis ao método por ele proposto.

Podemos agrupá-los, de maneira algo arbitrária, de acordo com a ênfase e o recorte escolhido:

- Trabalhos que trazem reflexões clínicas e que ilustram a aplicação da Teoria dos Campos ao divã: o saboroso relato clínico de Magda Guimarães Khouri ("Clínica: o Método na Prática"); o relato de uma supervisão clínica na qual a autora, Marlene Guirado, demonstra os tipos de deslizamentos por contigüidade, nas novas representações de campo, após a ruptura de um campo prevalente ("Teoria dos Campos, P'ra Quê?"); o artigo de Maria da Penha Zabani Lanzoni, que traz de forma detalhada um histórico de atendimento na qual reflete sobre a questão da interpretação versus a sentença interpretativa, conforme a definição de Herrmann ("Em Busca da Identidade: a Questão da Interpretação") e o artigo-espelho, de Sandra Lorenzon Schaffa, que comenta o de Lanzoni, de forma elegante e extremamente didática, clarificando ainda mais certos conceitos empregados.

Novos campos na psicanálise

*Resenha de Roberto Yutaka Sagawa (org.),
A Teoria dos Campos na Psicanálise,
São Paulo, Coleção Vórtice,
HePsyché, 1999, 318 p.*

- Trabalhos que trazem reflexões sobre a contemporaneidade, que abordam o problema do "absurdo", da "des-realidade", do endeusamento da razão, culminando com o enlouquecimento dessa mesma razão. São exemplos o artigo de Cecília Maria de Brito Orsini ("A Sexualidade é o absurdo? Ou um problema para o nosso tempo?") e o de Osmar Luvison Pinto ("Ensaio sobre o Silêncio, a Cura e o Desencontro").

- O artigo do organizador da coletânea, Roberto Yutaka Sagawa, situando o leitor no desenvolvimento teórico-bibliográfico do autor focalizado ("Um Percorso Constitutivo da Teoria dos Campos na Psicanálise").

- Artigos que podem ser classificados, em sentido lato, como sendo psicanálise aplicada, ou melhor, teoria dos campos aplicada: referimo-nos aos trabalhos das autoras Sylvia Salles Godoy de S. Soares e Leda Herrmann ("Os Campos do Sertão: Teoria dos Campos no Sertão de Guimarães Rosa"), que soma o vértice herrmanniano à literatura, de forma criativa e não-reducionista, como acontece às vezes com a psicanálise aplicada à obra literária, e o artigo de Mário Lúcio Alves Baptista ("O Poder da Fala. A Fala do Poder da Fala"), que traz a questão do poder paralisante da linguagem usada e abençoada por um determinado dispositivo social, cujo sub-texto é a aceitação ou não da novidade lingüística (e, portanto, ameaçadora à instituição) representada pelas idéias de Fábio Herrmann.

- Textos que refletem sobre o método de Herrmann, propriamente dito, que apresentam questões nodais de seu pensamento e sua interface com os pressupostos teóricos da psicanálise clássica: são estes os artigos de Cláudio Garcia Capitão ("Inconsciente: A Tautologia da Interpretação"), de Claudio Rossi ("A Realidade da Realidade"), de Marion Minerbo ("Desconstruindo a Identidade do Psicanalista") e de Mara Cristina Souza de Lucia ("O Vórtice na Situação Analítica"). Sobre os três primeiros deteremos nossa atenção, por acreditarmos que podem esclarecer o leitor neófito na Teoria dos Campos quanto ao novo modelo de leitura psíquica proposto por Fábio Herrmann.

Começemos pelo artigo de Claudio Rossi, que trabalha o conceito de realidade em psicanálise, partindo de Freud e revisitando suas conceituações de princípio de prazer, princípio de realidade, apoio e sexualidade, a partir de seus pressupostos biológico-instintivistas. Tem-se a impressão, ao lê-lo distraidamente, que o autor está apenas sumariando, para benefício do iniciante, os fundamentos da teoria psicanalítica da mente. Ledo engano; o trabalho pauta-se pela subversão inteligente; ouvindo-o mais atentamente aparece-nos, agora, como uma peça

musical clássica, executada a partir da mesma partitura, porém com acentos e tempos alterados, de forma a causar a sensação paradoxal do conhecido-estranho, tão bem descrita por Freud.

O autor começa pelo esquema do arco reflexo, que afirma que o ser humano vem ao mundo com uma programação prévia biológica, e que, quando tem suas necessidades satisfeitas sentirá prazer. Inversamente, sentirá aumento da tensão interna nas situações de insatisfação. Com o desenvolvimento cognitivo, e com o auxílio da memória, estabelecer-se-á uma hierarquia de prazeres, e o sujeito passará a tolerar alguns desprazeres provisórios em nome de alcançar, mais à frente, um prazer maior. Até aqui nenhuma novidade, a não ser pelo fato do autor fazer recair o acento forte sobre a expressão "prazer-sinal", que evoca, não por acaso, o termo freudiano "angústia-sinal", o que parece apontar para uma dissensão de sua leitura em relação a outra vertente, muito atual, na psicanálise, que é expressa por proposições do tipo: "aceitação da realidade", "tolerância à frustração", "mente em alucinação"... Fala-se aqui de uma mente que busca sempre um "mais-prazer", pouco cristã em sua tolerância ao sacrifício, pouco passível de aprendizado através da dor psíquica.

Claudio Rossi prossegue dizendo que, aos prazeres instintivos acrescentar-se-ão os prazeres do mundo da civilização, que poderão vir a tornar-se prazeres anímicos apenas se, e quando puderem ancorar-se no corpo, "enganar o corpo", apre-

sentando-se sob o disfarce da satisfação instintiva (como se fossem leite, por assim dizer). Estamos, assim, no mundo da alucinação, do “estelionato”, nas palavras do autor, fundantes da atividade psíquica: para que o sujeito possa incorporar algum novo esquema cultural, é necessário enganar o corpo, oferecendo-lhe a satisfação equivalente à do alimento, como, por exemplo, carinho, aprovação materna. O corpo dos pais é vivido com prazer, e a intimidade passa a dar prazer: “O corpo não sabe o que fazer com a civilização e seus produtos, a não ser que sofram uma tradução em linguagem corporal, e a partir daí passe a haver energia disponível para ocorrer prazer.” (p. 20). Ora, encontramos-nos diante do velho conceito de apoio, de Freud? Sim e não: o apoio é pensado originalmente como aquele a mais que o seio fornece depois que a fome foi saciada; digamos que é a pequena perversão do bebê. Aqui pareceria ocorrer algo diferente: o aporte civilizado apóia-se sobre o instintivo, não como um “além”, quando o instinto já está saciado - o apoio ocorre precisamente durante a “mamada” do esquema civilizado, caso este gere prazer ao instinto: “A sexualidade é, portanto, a expressão dessa situação na qual um corpo biológico, dotado de dispositivos comportamentais instintivos, tem prazer e motivação ao funcionar a serviço dos valores culturais altamente simbólicos e abstratos... Nos seres humanos até a relação tem tantos sentidos e significados que ... é muito mais importante a dimensão emocional (abstrata e simbólica) do que a biológica, ligada à reprodução.” (p. 20).

O corolário do pensamento do autor é que o conceito de sublimação, que pressupõe a internalização de esquemas dessexualizados, torna-se, logicamente insustentável, e ele prossegue coerentemente seu trajeto, em um quadro de refe-

rência protagórico, no qual o prazer do paciente em análise, ou do ser humano em processo de aculturação, é o único critério defensável para a mutação psíquica, não havendo outro tipo de verdade externa ou interna para balizar o trabalho psicanalítico. Claudio Rossi aponta, com humor, que a distinção entre realidade e fantasia, tão cara a certos profissionais, não pode ser efetivamente levada a sério: “É muito comum, em certos trabalhos teóricos e clínicos, que se faça a oposição entre realidade e fantasia. Realidade seria algo que o analista estaria percebendo e fantasia algo como a ilusão do paciente, a respeito do mesmo assunto. Fantasia seria, então, aquilo que o paciente chama, equivocadamente, de realidade.” (p. 21). Neste sentido, a busca da satisfação da fantasia inconsciente (definida como “precipitado ancestral filogenético do imaginário”, transmitido de forma nada mágica, pela maternagem apoiada sobre a satisfação instintiva e traduzida para a linguagem do instinto) não consiste em ilusão, auto-engano ou logro, porém seria a única possibilidade de sobrevivência psíquica da espécie. Desse ponto de vista, a atividade terapêutica não consistiria em desiludir ou denunciar a realidade ao paciente, nem mesmo levantar o manto encobridor do conteúdo manifesto, para finalmente encontrar o recalcado.

Se não considera justo atribuir um conteúdo ilusório e mistificante ao significado simbólico que os atos culturais e fisiológicos têm para o sujeito, é sim ilusão que se credite a esse mesmo sujeito um Eu autônomo. Sobre o sonho de liberdade dos seres humanos, o autor afirma: “Deseja a liberdade e se opõe ao ambiente, porque assim foi estruturado, e, no entanto, se opõe às leis que o estruturam. Luta contra o destino que o sobredetermina, exatamente por estar sobredeterminado. Não existe como ‘Eu’ se não se opuser e, ao se opor, se comporta como um cumpridor do destino... Sua liberdade era uma ilusão.” (p. 25).

Esse sujeito, nada escorregadio, é coextensivo ao descrito por Herrmann, sobre cujo inconsciente nada se pode afirmar com pleno conhecimento de causa, a não ser nos momentos da eventual “ruptura do campo relacional e transferencial”, ruptura essa que deixará entrever uma configuração inconsciente, apenas por breves momentos, antes de dissolver-se. Para Claudio Rossi, essa nova e transitória definição identitária, que substituirá a anterior, só será forjada se houver um “a mais” de prazer, no sentido que lhe dá o autor, para sustentar a atual representação.

Este artigo retoma conceitos da psicanálise clássica, tensionando-os e dobrando-os sobre si mesmos, e a resultante é uma leitura aprazível, instigante, que repensa o papel do analista e o convida a rever certas auto-representações, confortáveis por serem velhas conhecidas, porém insuficientes e desgastadas pelo uso acrítico e acomodado.

Ainda na linha das intervenções psicanalíticas efetivas, o artigo de Cláudio Garcia Capitão elucida, para o leitor que não teve contato prévio com a obra de Fábio Herrmann, a postura metodológica desse autor no que concerne a sua abordagem do inconsciente humano, e esclarece as acerbas críticas que faz a determinadas alegações da psicanálise tradicional. O autor procura demonstrar que o fulcro do método herrmanniano consistiria na denúncia da interpretação circular, que se inaugura na descrição freudiana dos processos primários e das leis pelas quais o inconsciente dar-se-ia a conhecer no trabalho onírico, exemplarmente ilustrados no famoso sonho da injeção de Irma: condensação, deslocamento, figurabilidade, dramatização, e elaboração secundária culminariam no conteúdo manifesto do sonho e, através dos processos investigativos de análise, desdobramento, rearranjo da ênfase emocional de um conteúdo a outro e através de todos os processos deslindantes da psicanálise, enfim, seriam desmembrados em seus constituintes latentes. Diz Cláudio Capitão, a respeito desse, que é um dos movimentos teóricos mais controversos e importantes da obra de Herrmann: “Herrmann nos faz enxergar que os mesmos pressupostos usados para se chegar à interpretação fazem,

por outro lado, a interpretação encontrar seu reverso perfeito, como se os mecanismos (condensação, deslocamento, etc.) fossem características do inconsciente e não do método que já os tinha como pressupostos. Enfim, a interpretação criou um inconsciente reverso aos pressupostos que, *a priori*, foram seu paradigma.” (p. 154).

Cláudio Capitão mostra que esse resultado demolidor, do autor da Teoria dos Campos, aplicando-se a mesma lógica, deve estender-se às escolas psicanalíticas pois essa circularidade metodológica traria, como conseqüência, o surgimento de metapsicologias privadas que, à semelhança de profecias auto-realizadoras, sempre teriam o condão de encontrar exatamente aquilo que procuram: “Assim, freudianos interpretam freudianamente, lacanianos, lacanianamente, kleinianos, kleinianamente, e a interpretação, desta feita, se vê presa de um estatuto tautológico, revelando o inconsciente criado para cada uma das várias perspectivas teóricas, ou das formulações que pressupõem um jeito de funcionamento para a alma humana.” (p. 156).

E, após várias considerações, o autor apresenta suas inquietações quanto à real possibilidade de um saber sobre a alma humana que possa ser isento de toda e qualquer tautologia. Sua resposta é um definitivo não, como se dissesse que é preciso abster-se da tautologia cega, obscurantista e dogmática, mas que é impossível abrir mão de uma certa tautologia funcional: “Os sonhos são sempre sonhados a dois...

Que seja possível escapar da tautologia, não tenho certeza, pois seria impossível tornar isento o intérprete de toda sua subjetividade. E, se assim ocorresse, estaria o intérprete encontrando os seus pressupostos pessoais no interpretado, já que seria talvez impossível não embuti-los na interpretação?” (p. 162).

Por último, gostaríamos de destacar o trabalho de Marion Minerbo, “Desconstruindo a Identidade do Analista”, que, de forma extremamente criativa e com alto poder de síntese, inventa um suposto analista, às voltas com sua paciente, compulsiva consumidora de *griffes* (esse artigo foi publicado anteriormente, com alterações, por esta revista). O analista imaginário tentará dar conta do quebra-cabeças representado por essa sintomatologia tão tipicamente contemporânea, a partir de quatro vértices teóricos diferentes, quatro modelos de mente desenvolvidos ao longo da História da Psicanálise, nos quais identificamos características da escola inglesa, da teoria e da clínica do narcisismo, da escola francesa laciana e pós-laciana, e da Teoria dos Campos. Marion Minerbo abarca, em cada modelo, a concepção de psique utilizada, a relação psique-mundo, o recorte do mundo correlativo ao recorte da psique, e a interpretação e abordagem curativa que cada um desses corpos teóricos teria a oferecer à paciente em questão.

Acompanhando o percurso da autora vemos que as conceituações sobre o psiquismo humano vêm se tornando mais complexas e a psique vai deixando de ser um correlato do cérebro individual, para tornar-se um receptáculo do mundo cultural circundante, uma instituição simbólica desse mundo e, por último, com a progressiva dissolução da corporalidade da mente, uma psique do real. No quarto modelo, o da Teoria dos

Campos, segundo a autora, seriam ainda mantidos certos elos com a escola francesa de pensamento, porém, dar-se-ia o grau máximo de dissolução e desconstrução do conceito de psique, cuja força motriz seria agora atribuída ao real, sopa entrópica da qual se destaca a superfície representacional de dupla face: a identidade/realidade de cada ser humano. As patologias, anteriormente recordadas sobre um molde das representações afetivas desligadas ou indevidamente fixadas (da neuroses ou das perturbações narcísicas), na pós-modernidade encontram-se impedidas de discriminação representacional, devido ao excesso de iluminação existente no palco social da contemporaneidade, que desnuda, de forma exagerada, as estratégias da lógica da representação. Dessa maneira, a psique, impossibilidade de auto-representar-se, encontra-se agora no registro da psicose de ação, na vigência da qual, o sujeito mantém-se psiquicamente vivo, através do agir compulsivo. Nas palavras da autora: “O inconsciente, ou imaginário da pós-modernidade, opera mediante uma lógica que promove um divórcio entre o ato e a finalidade que visava a atingir. Esta nova forma de ser resulta da crise de representação relacionada à excessiva visibilidade do processo de fabricação do cotidiano, pelos sistemas de produção de imagem.” (p. 140).

Compreendemos o porquê da relativização da decodificação simbólica dos conteúdos

de certos atos sintomáticos, neste modelo que, substituindo o da neurose e do narcisismo, é mais calcado na psicose de ação, onde o simbolismo dos atos puros é secundário à sua compulsividade em concretizar-se.

Escolhemos deter-nos sobre os trabalhos desses três autores da coletânea porque seria impossível fazê-lo, por uma questão de espaço, com o devido respeito e cuidado, com todos os demais treze componentes. Os leitores poderão ou não concordar com as novidades e os pressupostos teórico-clínicos apresentados neste livro, mas deverão, sem dúvida, concordar na apreciação e na degustação dos artigos, todos de excelente nível de escritura e de reflexão. Alguns deles se aproximam mais da Teoria dos Campos; outros comungam com ela muitos pressupostos, porém não todos. Em um ponto, entretanto, todos os autores coincidem: no interesse e na seriedade que devotam aqui à compreensão do edifício teórico de Fábio Herrmann. A obra deste pensador da psicanálise brasileira é merecedora deste livro-homenagem.

Purificacion Barcia Gomes é psicanalista, doutora em Ciências pela Escola Paulista de Medicina, com Pós-Doutorado na PUC-SP.